

JAYME REIS

Corações ao fogo



JAYME REIS, ARTISTA DO FOGO

MARÍLIA ANDRÉS RIBEIRO*

RESUMO O texto apresenta uma breve introdução à poética de Jayme Reis e uma entrevista com o artista sobre o seu processo criativo e a sua microutopia.

PALAVRAS-CHAVE Artes Visuais. Artista. Jayme Reis.

JAYME REIS, ARTIST OF FIRE

ABSTRACT The text presents a brief introduction about the poetics of Jayme Reis and an interview with the artist about his creative process and his microutopia.

KEYWORDS Visual arts. Artist. Jayme Reis.

* Curadora, crítica de arte e doutora em História da Arte pela USP. Presidente do Instituto Maria Helena Andrés.
E-mail: marilia.andres@gmail.com

¹ Ver depoimento do artista em: MELO, Janaina; RIBEIRO, Marília Andrés e SILVA, Fernando Pedro (Orgs.). *Jayme Reis: depoimento*. Belo Horizonte, Editora C/Arte, 2003.

² Ver histórias e *photoshops* de Jayme Reis em: REIS, Jayme. *Epiphania*. CEMIG, Belo Horizonte, 2007. (Catálogo da exposição)

³ Ver fotografias e depoimento de Jayme Reis em: RIBEIRO, Marília Andrés. *Fotografia e Natureza*. Eymard Brandão, Jayme Reis, Maria Helena Andrés, Pedro Ariza González. *Le-mos de Sá Galeria de Arte*, Nova Lima, 14 de março a 11 de abril de 2015 (Catálogo da exposição).

Jayme Reis desponta na cena artística brasileira dos anos 1980 como um dos artistas mais criativos de sua geração¹. Nascido em Itabira, terra de poetas, artistas e intelectuais, desde o fim dos anos 1970, tem-se dedicado às artes visuais e experimentado várias técnicas como a argila, a xilogravura, o entalhe, a pintura, a cerâmica, o objeto, o *photoshop*², a fotografia e a *performance*.

Seu temperamento aventureiro, inventivo e sonhador nos revela uma poética diversificada que se apresenta em múltiplas iconografias, como oratórios, barcos, martelos, igrejas, sexos, caveiras e fogueiras. Essa poética está impregnada de sonhos, fantasias, viagens, aventuras e peripécias que constituem a sua microutopia, o seu projeto de arte e de vida.

Nessa poética multifacetada, o elemento fogo se destaca e perpassa a sua trajetória, desde a vela que ilumina o seu primeiro autorretrato até as fogueiras performáticas que o artista realiza nos quintais de Minas Gerais.

No ensaio fotográfico, apresentamos um recorte iconográfico de gravuras, *photoshops* e fotografias realizadas pelo artista, em que predomina o elemento fogo, que surge iluminando a mente e engolindo igrejas, padres, caveiras, bonecas, cadeiras, aviões, cavaletes, pinturas e corações apaixonados.

As fogueiras de Jayme Reis saltam do espaço bidimensional dos entalhes de madeira, das histórias eróticas para o espaço real e se mesclam com a vida, a obra e a *performance* do artista. São verdadeiros rituais dionisíacos que acontecem em espaços simbólicos escolhidos e arquitetados pelo artista³. As fogueiras, associadas à imagem da combustão, simbolizam a destruição e a transformação da obra, destacando a importância do processo de criação artística.

Apresentamos as fotografias da *Fogueira da Despedida*, realizada sobre a égide de Fênix, no quintal de sua casa-ateliê, em Tiradentes, onde o artista queimou “obras eternamente inacabadas”. E acrescentamos a *Fogueira de Entre Rios*, realizada na Fazenda de Luiziânia, onde Jayme queimou livros, um cavalete e uma pintura de Picasso, sob o pseudônimo de Jayme Reis.

O olhar fotográfico de Jayme Reis capta os momentos de transformação do fogo nos objetos, a mudança das formas e das cores iluminadas, em contraste com o fundo negro, configurando uma visão neobarroca e uma crítica bem-humorada da arte e da vida.

Jayme Reis appears in the 1980s Brazilian artistic scene as one of the most creative artists of his generation¹. Born in Itabira, a land of poets, artists and intellectuals, since late 1970s he has dedicated himself to the visual arts and experienced several techniques such as clay, wood engraving, carving, painting, pottery, objects, photoshop², photography, and performance.

His venturesome and inventive temper reveals a diversified poetry presenting manifold iconographies such as oratories, boats, hammers, churches, sexes, skulls and fires. As a dreamer, his poetry reflects dreamlike fantasies, journeys, adventures and incidents build his micro utopia, his art and life project.

In this multiple poetry, fire is an outstanding element that pervades his works – from a candle that lights up his first self-portrait to the performative fires that the artist makes in the backyards of Minas Gerais. As for the photo essay, an iconographic clipping of engravings, photoshops and photographs made by the artist are presented, where fire is a predominant element that appears illuminating minds and swallowing churches, priests, skulls, puppets, chairs, airplanes, easels, paintings and passionate hearts.

Jayme Reis' fires jump out from the two-dimensional space of the wood carvings, from the erotic stories to the real space, and mix up with the artist's life, work and performance. They are true Dionysian rites happening in symbolic spaces chosen and planned by the artist³. The fires, associated with the image of combustion, symbolize the destruction and transformation of the work, stressing the importance of the artistic creation process.

The photographs of *Fogueira da Despedida (Farewell Fire)* present the shield of Phoenix built in the backyard of his studio house in Tiradentes, where the artist burned "eternally unfinished works", besides *Fogueira de Entre Rios (Entre Rios Fire)*, performed in the Luiziânia Farm, where Jayme burned books, an easel and a painting by Picasso, under the alias of Jayme Reis.

The photographs of *Fogueira da Despedida (Farewell Fire)* present the shield of Phoenix built in the backyard of his studio house in Tiradentes, where the artist burned "eternally unfinished works", besides *Fogueira de Entre Rios (Entre Rios Fire)*, performed in the Luiziânia Farm, where Jayme burned books, an easel and a painting by Picasso, under the alias of Jayme Reis.



Eu e a fogueira.
Fotografia, Tiradentes, 2009

Acrescentamos uma breve entrevista com o artista, a fim de complementar o ensaio fotográfico e possibilitar entrever o pensamento de Jayme Reis.

Entrevista com Jayme Reis

Vamos falar de sonhos, projetos, microutopias que aparecem em seu processo criativo, desde as primeiras xilogravuras dos anos 1970 até as fotografias atuais. Como foi a descoberta da arte na sua vida?

Tornei-me navegador ainda criança. Estive livre para as mais estapafúrdias associações, desde cedo, e com elas me divertia. Nosso quintal era enorme, e eu ficava a maior parte do tempo explorando e reestruturando esse lugar, e as ruas da cidade estavam a um passo desse manancial. Minha cidade cheirava a asfalto novo e a cavalo estacionado em frente de armazéns. A cidade inteira era o quintal, e o quintal era a cidade inteira. A casa era grande e, a essa altura, eu tinha três irmãos e duas irmãs. Nosso alpendre era uma tribuna frequentada constantemente por toda gente, do mendigo alucinado que ia beijar a estátua do jardim de meu avô Amarílio ao Bispo que aparecia sem aviso só para tomar um café e comer o pé de moleque da “Tiáurea”. Todos os parentes gostavam de frequentar esse alpendre e não obedeciam à ordem de chegada. Caetano de Áurea chegava com o balaio de queijos na cabeça. Meu bisavô, pai de minha avó, era francês, mas possuía título de nobreza herdado de sua mãe, uma condessa belga. Chegou por acaso em Itabira e casou-se com a filha do coronel José Batista, a maior fortuna da região. Cultivou uma vinha fabulosa e fabricou um excelente vinho. Minha avó, filha primogênita desse casamento, casou-se com Amarílio, o poeta telegrafista que chegou ainda criança junto com o pai (também telegrafista) e irmãos oriundos de Barra Mansa/RJ. Toda a família do Amarílio era espírita Kardecista. Meu pai, que sempre foi ateu,

nasce dessa união. Minha mãe chega com a família de Itambé do Mato Dentro. Ela tinha quatro irmãos e três irmãs, entre as quais, duas eram freiras. Todos eram muito católicos. Minha mãe nem tanto. Miscelânea total. No início de 1970, o prefeito se matou com um tiro no peito, a igreja matriz despencou diante de nossos olhares e, em dezembro, a família mudou-se para BH, mas não por causa desses eventos. Não me adaptei aos colégios, fui expulso de alguns. Naveguei pelos bairros da cidade. Aos dezesseis anos, tornei-me macrobiótico, lia Krisnamurti, frequentava a Rozacruz Áurea e namorava nas matinês do Cine Palladium. Aos dezoito, fui convocado a servir ao Exército. Rapaz esotérico, vegetariano, rozacruciano e servindo ao Exército Brasileiro em plena ditadura militar. Descobri a arte enquanto cumpria o serviço militar obrigatório, talvez como válvula de escape. Dias insuportáveis eram aqueles! Sem cabelo grande para fazer sombra, minhas orelhas ficaram queimadas por causa do sol. Cada soldado tinha um radinho de pilha, e a miscelânea musical viajava pelos ares do quartel: Abba/Chico/Nazareth/Fagner/Chicago/Ivan Lins/Alceu/Genesis/Caetano/Jerry/Elis/Elvis/Fafá/Belchior e tudo mais que tocava nas rádios em 1977.



Cadeira.
Fotografia, 2014



Transmutação - Objeto em madeira medindo 45x45cm se transforma em fotografia antes de se transformar em cinzas. *Violas no Fogo*, 2016

O clarim do Cabo Pires anunciava o fim do expediente. Todos os sons musicais se mesclavam e formavam uma estranha sinfonia. Ainda no quartel, li Albert Camus, Aldous Huxley, Nietzsche e sei lá mais o quê. Descobri Van Gogh e Rene Magritte, e Fernando Pessoa em *Psiquetipia* (ou *Psicotipia*) me dizia: *Símbolos. Tudo símbolos... Se calhar, tudo é símbolo... Serás tu um símbolo também?* Pronto. Era irreversível! Findo o Serviço Militar obrigatório, improvisei um ateliê no fundo do quintal, comprei muitos quilos de argila, formões e madeira para entalhar. Lia, ouvia muita música e principalmente trabalhava muito. Queria conhecer todos os meios de expressão. Queria fazer filmes, imaginava uns curtas insólitos, mas esse foi um sonho

que não consegui realizar porque as dificuldades técnicas da época eram enormes. Celebrava todos os dias a liberdade. Frequentava todos os cineclubes da cidade e assistia a todos os concertos possíveis. Nunca mais voltei à escola. Fiz minha primeira exposição aos 22 anos na Galeria Mandala em Belo Horizonte. *E la nave ha seguito...*

Encantam-me suas fogueiras porque elas ampliam o campo da arte tradicional e se mesclam com a vida, são verdadeiros rituais onde estão presentes o fogo, os objetos, o vinho, o queijo e o calor da convivência humana em torno da fogueira. Mas existe uma vontade, uma intenção, um projeto que vai se configurando a partir do momento em que você decide fazer a fogueira e registrá-la em fotografias. Como é que isso acontece?

Quando chego a fotografar uma fogueira é porque estou só diante dela. Gosto de algumas frases e associações de um texto que escrevi certa vez. Vou replicá-las aqui:

...

Arquitetar uma fogueira e deixar que a imagem do fogo cumpra seu objetivo primeiro, que é o de amalgamar pensamentos, sentimentos, intuítos.

Sim, uma fogueira tem esse poder.

Amalgamica é a pintura atemporal de El Greco, que vislumbro agora em pensamentos iluminados por esse fogo.

Lágrimas de São Pedro já se misturam aos acordes perfeitos do gênio de Bonn, que, por sua vez, mesclam-se aos sons da noite, aos ruídos dos passos do Borba Gato pela mata e a tudo o que mais existe nesse momento.

Vá troglodita cibernético, encontre seu retrato em forma de fogueira.

E aos devaneios, observe a silhueta da velha cidade barroca, vista por detrás daqueles arvoredos, e até mesmo essa visão, com tudo o que ela representa, amalgamar-se-á nas chamas dessa fogueira.

Claros enigmas ou extravagâncias da imaginação?

Ignis est verum.

La vida és sueño Calderon?

Amalgamica fogueira de restos de quintal, cumpra sua função ancestral. Alumbre e refaça trajetórias.

...

Escrevi esse texto enquanto morava em Tiradentes, onde produzi muitas fogueiras. Preferi utilizar o verbo “amalgamar”, que me pareceu mais expressivo que o verbo “misturar”. Principalmente porque queria descrever a profusão de pensamentos que me ocorria naquele momento em que estava diante de uma aprazível fogueira. Naqueles dias (e noites), eu estava muito apaixonado pela pintura de El Grego e, para quem não sabe, *Lágrimas de São Pedro* é um dos mais belos quadros do pintor cretense. Representa São Pedro em uma relva à noite e com as mãos em reza. Com o olhar lacrimoso, o santo olha para os céus, e temos vontade de chorar junto com ele. Beethoven era conhecido por seus contemporâneos como “O gênio de Bonn”, sua cidade natal. Bandeirante paulista também aparece na cena. O espanhol Calderon de la Barca também aparece para dar ordem ao caos onírico e consegue; *La vida és sueño y los sueños sueños son...* Claro está que descrevo (bem ou mal) o momento em que, diante da fogueira, a ouvir Beethoven, eu me deliciava com meus pensamentos deliberadamente anárquicos. Amo os pensamentos anárquicos. Serei anárquico ao menos em meu pensar. E se posso aquecer esse “pensar” diante de uma fogueirinha, tanto melhor.

Você trabalha a escrita e as artes visuais com maestria e sempre teve convivência com os escritores e artistas, desde os tempos em que morava em Itabira, sua terra natal. Como é a sua relação com Itabira e com a herança de Drummond? Você se sente orgulhoso de ter nascido em Itabira, berço de intelectuais e artistas? Como o «ser itabirano» aparece no seu trabalho?

Já que a pergunta orbita em torno de Drummond... Fui criado sobre o vulto dele. Cresci ouvindo muitos casos engraçados do “Carlito”, muitas histórias, primos recitando o poeta lá no alpendre e muita discussão sobre seus poemas. O poema *Confidência de um Itabirano* dividia as opiniões. A *intelligentsia* adorava, é claro, e enxergava ali a melhor descrição da alma itabirana, e a *burritsia* ficava furiosa principalmente com a conclusão do poema; Itabira é apenas uma fotografia na parede / Mas como dói! A *burritsia* entende isso como uma espécie de desfeita... sei lá. Para mim, é uma puta declaração de amor. Meu avô foi muito amigo de Drummond na infância e até fizeram juntos um jornal manuscrito, mas infelizmente não restou um exemplar para a história. C.D.A morreu pedindo ao Amarílio para tentar encontrar um exemplar do dito jornal manuscrito de nome “O Bebê”, e Amarílio morreu tentando encontrá-lo. Em *Impurezas do Branco*, Drummond descreve bem meu querido avô e o dito jornal manuscrito.

PRIMEIRO JORNAL

Amarílio redige e ilustra com capricho
o jornal manuscrito: é conto, é poema, é cor,
que ele tira de onde? Incessante criador,
de si mesmo é que extrai esse mundo de coisas.
Nutro por Amarílio invejoso respeito.
Por mais que me coloque em transe literário
e force a mão e atice a chama de meu peito,
não consigo imitá-lo.
Em lugar de escritor, na confusão da ideia e do vocabulário,
sou apenas constante e humilhado leitor.

(Carlos Drummond de Andrade - *in Boitempo*)⁴

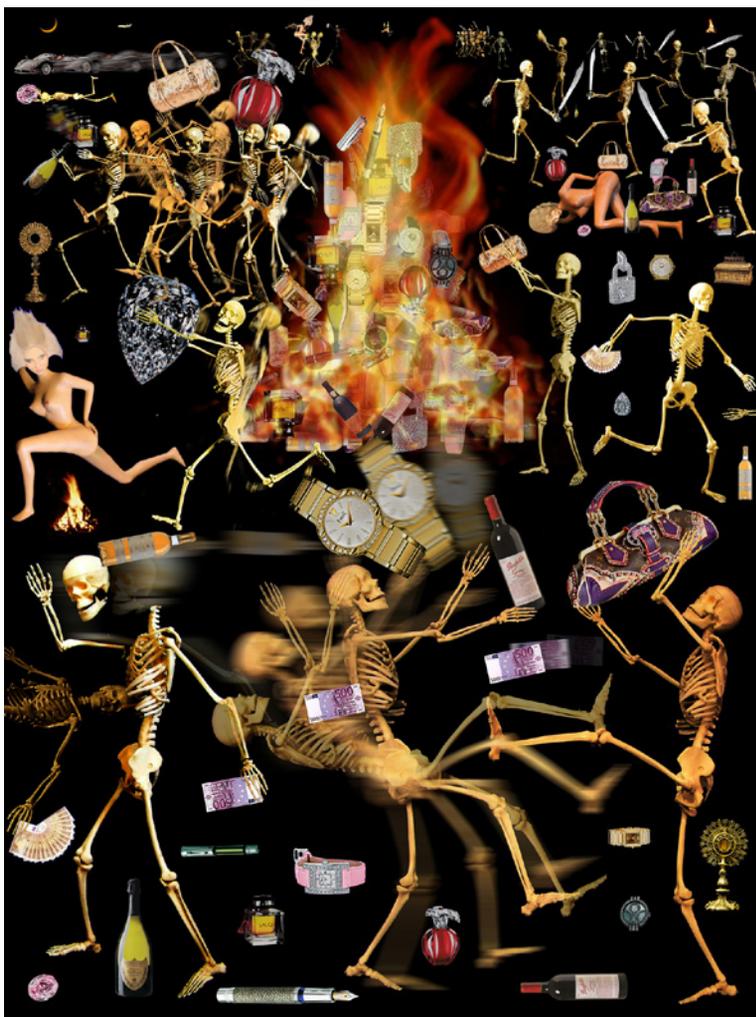
Muito mais eu poderia falar aqui sobre o Amarílio, e todos são unânimes em afirmar que estava ali entre nós um espírito muito evoluído. Mas volto agora para a

⁴ ANDRADE, Carlos

Drummond. “O primeiro Jornal”. Poesia/Boitempo.

In: *Poesia Completa*. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S.A., 2002, p. 988-989.

outra questão, essa que você faz sobre o orgulho. Sim, eu sinto muito orgulho de alguns itabiranos, com toda certeza, e principalmente de Carlos Drummond de Andrade. Recentemente o meu querido amigo Luís Augusto de Lima foi a Portugal em busca de suas raízes portuguesas na Vila de São Martinho do Anta e descobriu ser o berço também de Miguel Torga, um gigante da literatura e da poesia. Luís constatou que o povo da aldeia sente muito orgulho dessa conterraneidade e que isso faz uma enorme diferença na vida dos 910 habitantes da aldeia. Mesmo sendo rudes e pouco letrados, todos compreendem a importância desse “vulto”. Sentem-se orgulhosos. O mesmo acontece com Carlos Drummond de Andrade e Itabira. Mas quando sinto sinais de vaidade, ufanismo (que é um sentimento que não pode levar a nada de bom), eu não gosto. O que mais admiro em mim é um certo humor judaico que aprendi a usar ao longo dos anos e vejo que é muito comum encontrar entre meus conterrâneos esse tipo de humor. Não me levo tão a sério e aponto meus defeitos para mim mesmo a cada instante. O que aparece em meu trabalho sou eu. Por isso respondi às primeiras perguntas desta entrevista sem parágrafos, como se fosse uma respiração ofegante. Um breve resumo de minha infância e juventude que demonstra que tudo leva a alguma coisa. Tudo que vivi, tudo que respirei. Assim é a vida e assim caminha minha humanidade. Não me preocupo mais com nada que diz respeito a reconhecimento. Aquilo que faço é meu retrato e pronto, se minha cidade natal está expressa ali, então está. E isso também não me preocupa em nada.



Apoteose do Luxo, 2008 - Fotografia digital (manipulação de imagens)



*Autorretrato com vela na
cabeça. Xilogravura, 1978*

Atualmente, qual é a sua microutopia?

Boa pergunta. Primeiro porque nunca ouvi esse termo antes, mas vamos lá. Acho que estou me aproximando de algo parecido com o Nadismo. Mas não o Nadismo em si, que é um movimento que exige uma regra e é praticado em coletividade. Dá muito trabalho tornar-se um nadista de carteirinha. Portanto, o que ambiciono ainda não está muito bem desenhado em minha cabeça. Sei que gostaria de viver em um êxtase constante, criando muitas coisas ao mesmo tempo e que todas essas coisas estivessem interligadas. Para tanto, quero fugir daqui, mas, como estamos falando em utopia, quero estar ao mesmo tempo próximo às pessoas que amo e admiro. Minha “microutopia” é muito modesta. Não quero ser proprietário de automóvel. Não penso em dinheiro. Pego trem de ferro que me leva para outro lugar sempre que eu quero. Posso ficar diante do oceano a observá-lo por horas a fio. Vivo em uma cidade sem violência. Entro em catedrais góticas ou românicas para meditar e por lá fico por tardes inteiras a observar a arte da cantaria. Beijo lascivamente a mulher que amo por detrás da pia batismal sem que ninguém nos veja (além de Deus, é claro). Saio teso pelas ruas a celebrar a vida. Tomo bons vinhos e caminho calmamente em qualquer direção. Tenho um quintal para fazer umas fogueirinhas. Amigos chegarão mais tarde para uma boa conversa e uma deliciosa confraternização. Zumbis, nefastos, sanguessugas e cabeças de pudim passarão ao largo deste quintal. Pronto, basicamente essa é a descrição de minha microutopia da hora. Amanhã conto outra.

Como é o seu processo de trabalho?

Quando me coloco a trabalhar é porque estou tentando reorganizar o caos e creio que muitos artistas pensam assim. Se você perguntar para uma centopeia como ela anda, qual perna coloca em frente primeiro, com qual perna dá início à sua caminhada, você não obterá respostas e estará diante de uma centopeia paralítica. A não ser que ela despreze por completo sua pergunta.

Obrigada, Jayme. Você me mostrou que o importante é olhar suas imagens, apreciá-las e deixar que essas imagens nos olhem e nos revelem a sua arte⁵.

⁵ Entrevista realizada por Marília Andrés Ribeiro com Jayme Reis, entre 24 e 31 de julho de 2017.